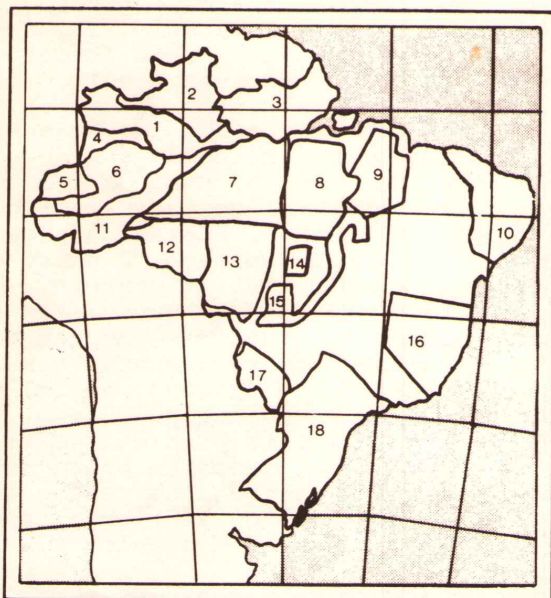


# POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

Boletim do Levantamento/CEDI

nº2 Julho/Agosto 82

## MAPA DAS ÁREAS DO LEVANTAMENTO



1. Noroeste da Amazônia
2. Roraima
3. Amapá
4. Solimões
5. Javari
6. Juruá/Jutai
7. Tapajós/Madeira
8. Sudeste do Pará
9. Maranhão
10. Nordeste
11. Acre/Purus
12. Rondônia
13. Oeste do Mato Grosso
14. Parque Indígena do Xingu
15. Leste do Mato Grosso/Goias
16. Leste
17. Mato Grosso do Sul
18. Sul

KARDEX	( X )
TRAGEM	( )
XEROX	( )
PREPARAÇÃO	( )

No dia 3 de maio, foi feito um seminário sobre o volume do Javari, no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Foi um dos seminários habituais de caráter informal, aberto, anunciado com uma tabuleta na porta da sala do professor Castro Faria "A quem possa interessar". Participaram dele 26 pessoas, entre membros da equipe de edição, professores e alunos de pós-graduação dos cursos de linguística e antropologia, sendo parte dos assistentes colaboradores e/ou consultores do Levantamento. O debate foi gravado, tendo como pivô os membros da e-

quipe de edição, e aproveitamos os principais trechos dos questionamentos colocados para publicação.

Além disso, continuamos publicando a correspondência, críticas e comentários que nos chegam sobre o volume Javari. Dentre eles, destacamos os comentários sobre o volume dos missionários leigos (O PAN), Araci e Lino; do indigenista da FUNAI; Pedro Coelho, feitos a André Villas Boas; e a carta de Roberto Cardoso de Oliveira sobre a Apresentação da coleção, texto mimeografado distribuído junto com o volume.

## "CONDIÇÕES DO LEVANTAMENTO"

"Depois de ouvir sua exposição eu fiquei muito melhor informado a respeito do projeto do que lendo essa "Apresentação", ou compulsando o volume sobre o Javari. Em primeiro lugar, eu acho que o problema da rede, e portanto do projeto, deve ser objeto de uma publicação, de um trabalho, que dará esse tipo de informação que a meu ver fica faltando realmente. Quer dizer, as condições de produção desse trabalho são fundamentais para que se possa avaliar sua significação sociológica e o seu conteúdo em termos de conhecimento".

## "O LEVANTAMENTO FACE ÀS TENTATIVAS ANTERIORES"

"Eu não vejo ligação nenhuma entre esses levantamentos anteriores (Handbook, Ribeiro, Galvão, Malcher etc.) e o trabalho que vocês estão fazendo. Acentuar o caráter original desse esforço é fundamental para a compreensão da própria natureza do levantamento. Essa tentativa de estabelecer uma genealogia é um hábito cultivado, que a academia ensina e que corre para dissimular a especificidade de do levantamento. Na realidade, este trabalho não tem ligações (ou não tem ligações muito estreitas) com aqueles mencionados na Apresentação. Por exemplo, a classificação dos índios brasileiros em quatro categorias, formulada por Darcy Ribeiro apoia-se na classificação legal, e é a mesma que está na lei de 1928. Trata-se portanto de categorias do discurso jurídico, fazem parte da legislação. Ainda que com nomes diferentes, exprimem exatamente as mesmas coisas. Começa com a categoria "Índios Nômades" e depois vai até "Índios Integros". Era um instrumento de ação do SPI esse regulamento em que os índios estavam classificados em termos de relacionamento com a sociedade nacional. São classificações que não tem nada a ver com esse esforço que vocês estão realizando, considerando a multiplicidade de fontes (antropólogos, missionários, indigenistas etc)".

"Um problema é o da atualidade das informações. Outros projetos também tiveram esta preocupação. Aqui estão vários volumes do Boletim do Comitê Internacional sobre as Tarefas urgentes da Antropologia, publicado na Austria a partir de 1958.

E o Brasil está aqui, representado com textos assinados por pesquisadores que informavam sobre a situação dos grupos indígenas nas áreas onde tinham trabalhado. Apesar da diferença do nome, a intenção é a mesma: informar sobre a situação atual de grupos sob ameaça de extinção. Isso, aliás, remonta ao século XIX, a Adolfo Bastian, cujo projeto de colecionamento era exatamente reunir o máximo de dados sobre todos os grupos conhecidos antes que eles desaparecessem. Usavam uma expressão latina, "o perigo do tempo". Mas, posteriormente, sem usar mais o latim, a idéia continua presente. É preciso preservar antes que desapareça. É claro que aí, no caso do levantamento, não é mais isso que está em pauta. Mas é um problema de atualidade presente. Uma informação sobre situação atual está presente no discurso desse projeto, em vários momentos.

Quanto a este problema, o volume do Javari me parece um pouco ambíguo. Ele lembra todos os textos clássicos da história da etnologia: reprodução de gravuras dos séculos 17, 18, 19 e 20.

Essas ilustrações, esse Mayoruna com esses efeitos todos, isso é uma escolha do cronista que fez um índio todo paramentado... o mesmo se pode dizer dos textos sobre o período de pesca e coleta. Onde está a atualidade? Uma opção que poderia ser muito legítima seria não fazer etno-história. Se o problema central é o da atualidade, então por que não deixar de lado toda e qualquer tentativa de fazer essa recuperação? Porque a recuperação não é fácil. E a histórias relações vai depender muito do autor, que tipo de bibliografia manuseia que tipo de abordagem teórica se propõe fazer. Veja bem, se informação sobre a atualidade é alguma coisa que pode, numa certa medida, assegurar uma desejável neutralidade, o mesmo não acontece com a utilização dessas fontes históricas. Duas posições teóricas distintas podem levar a produção

de discursos muito diferentes sobre esse passado histórico. E esse volume sobre o Javari tem muita coisa sobre a história. Então está aí uma penúria ambigüidade. São volumes destinados a colocar ao alcance de antropólogos, de indigenistas, de configurações religiosas as mais diversas, uma informação neutra entre aspas sobre a situação destes grupos ou é um tipo de projeto como o Handbook, de usar especialistas para fazer um levantamento completo, sobre todos os grupos tribais da América do Sul incluindo, portanto, o Brasil? Porque veja bem, para fazer isso, Roberto Cardoso tinha toda razão em se queixar, a meu ver (v. carta nesta seção). Se foram mencionados os outros, por que os grandes projetos não foram recuperados?

Há um pressuposto empiricista de que para se tratar de qualquer problema do presente tem que se ir recuando, recuando, recuando até encontrar a semente, até a raiz. Não há ninguém que não queira ir até as raízes. As metáforas de raízes, de sementes... Tudo isto faz parte de toda uma representação empiricista do conhecimento de uma certa representação da história...

Foucault tem insistido muito em mostrar que esse tipo de História é insustentável hoje em dia, inclusive parte do pressuposto que existem objetos naturais. As coisas sempre existiram: a medicina sempre foi medicina, o direito sempre foi direito, o Índio a mesma coisa.

Não se trata de excluir a história, mas de demonstrar a sua pertinência. Quando for necessário realmente, mas isso tem que ser demonstrado, a história entrará na medida em que for indispensável ao entendimento, à inteligibilidade do material atual com que se vai lidar. Mas não como pressuposto geral, senão cada volume vai ter um histórico assim, com fotografias, todas as crônicas e no fim isso confunde o projeto inicial".

#### "MECANISMO DE ATUALIZAÇÃO"

"Há outro problema: todos esses empreendimentos do gênero têm uma precariedade enorme, porque o que é atual deixa de ser atual dentro de muito pouco tempo. Então foram cria-

dos mecanismos próprios. O mundo sabe que as enciclopédias têm os volumes do ano, os suplementos. Não há atual permanente. O atual é extremamente transitivo, por natureza".

Alfredo Wagner:

#### "O QUE SÃO AS REDES LOCAIS DE COLABORADORES?"

"A Apresentação não define de maneira explícita as relações que o levantamento mantém com entidades religiosas e com as agências financiadoras. Passa a idéia de um trabalho coletivo e de cooperação, transmite a idéia de uma forma autônoma com relação a toda e qualquer instituição, como se fosse uma instituição auto-composta. Na apresentação há uma omissão com relação aos veículos reais e, talvez, até a descrição do sistema dessas redes locais, na sua heterogeneidade. Quais são as regras que estão movendo essas redes? Quais são os vínculos institucionais que porventura estariam presentes? Quais são as responsabilidades e as competências definidas?

Outra coisa: em termos dos critérios de competência e saber dessa rede de colaboradores, seria importante um trabalho de discernimento maior, que pudesse nos fornecer toda a sua trama, para que esse sistema de relações sociais ficasse por si só claro, para que pudessemos entender de que autonomia é essa de que se está falando e quais as "descobertas" (referência à pg. 10 da Apresentação) que são referentes a esse tipo de pensamento. Para além das estatísticas dos quadros de colaboradores, interessa as relações sociais e os vínculos que eles mantêm com os grupos indígenas e o processo através do qual os dados foram obtidos".

#### "NECESSIDADE DE AVALIAÇÃO DOS TRABALHOS ANTERIORES"

"Impõe-se um discernimento entre a natureza do levantamento em curso e os suportes teóricos dos trabalhos

anteriores (Ribeiro, Malcher etc.). Parece-me que os próprios critérios e sistemas a que esses autores estavam referidos são outros e inclusive dispensam os próprios editores do Levantamento (referência à pg. 5 da "Apresentação") afirmarem que não têm compromisso com os sistemas de classificação a que chegaram os trabalhos anteriores. Mas, ao mesmo tempo, a própria "apresentação" se pretende uma avaliação, quando a meu ver não chega a ser uma resenha. Então, dificilmente ela pode ter esse caráter de julgamento ou de uma avaliação de uma produção, que por si só inclui gêneros que são concebidos segundo sistemas de classificação distintos, embora evidentemente sejam esses os autores que ficaram para a história mais recente.

Aí, outro perigo talvez seja essa leitura ingênua do Rondonismo. Não é por acaso que os trabalhos do Ribeiro e Malcher são dedicados ao Rondon. Acho que essa linha de análise obrigaria a uma posição mais crítica de quem produziu e, talvez, a relativizar um pouco essas condições sociais da produção no presente levantamento.

Rubem Cesar Fernandes:

"600 ou 6?"

"Tenho uma pergunta assim tipo avaliação de vocês. Esse quadro de colaboradores é uma coisa fantástica... 600 pessoas. Isso aí é uma tribo infernal e, então, eu queria indagar se vocês sabem o que isso representa? Realmente é necessária tanta gente, para colaborar? O projeto realmente tem que passar por essa gente toda? Dos 600 quem é que no final realmente colabora? Afinal são 600 ou 6?"

João Pacheco:

"COMO TRATAR DIFERENTES IMAGENS DE UM MESMO GRUPO?"

"Enquanto instrumento de produção de conhecimentos, há um problema teórico maior no momento de elaboração dos volumes do levantamento. Os dados de que se parte são produzidos por dife-

rentes categorias de colaboradores, mas a pretensão final é de chegar a um painel representativo da situação de um determinado grupo indígena. Aí há um problema teórico: como se vai tratar essas diferentes imagens sobre o mesmo grupo indígena? Pois o fato é que o mesmo grupo (e às vezes a mesma comunidade) será descrito simultaneamente por missionários (de diferentes confissões), por agentes da FUNAI, por antropólogos. Essas imagens podem não se superpor de modo a aumentar o conhecimento do grupo - como se fôssem puros dados objetivos - mas, ao contrário, apontam em direções divergentes. É preciso estar consciente de que o levantamento não está tratando com relatos supostamente neutros ou distanciados, mas lidando de fato com relatos de quem está nas áreas, obtendo e fornecendo informações condicionadas por seu tipo de trabalho, coletando dados que em certa medida explicam e decorrem da natureza de sua atuação concretano campo. Nesse sentido, creio, há um espaço bastante grande para analiticamente se trabalhar com tais divergências em termos de ideologia, de posições e práticas das diferentes corporações a que os colaboradores pertencem.

Se há possibilidade de um aprofundamento teórico disso, é necessário não esquecer as condições práticas de feitura de cada volume e da imagem final que o levantamento vai dar de cada grupo indígena abordado. É fundamental reter a imagem do mutirão, antes que um conjunto de fornecedores de dados isolados uns dos outros, de ve haver entre os colaboradores uma interação efetiva, uma troca de pontos de vista e de propostas práticas, uma discussão política que chegue a estabelecer fins comuns, perspectivas de ação que possam ser partilhadas pelas diferentes categorias de colaboradores presentes naquela situação. Refletindo nessa linha, a formação de uma rede de colaboradores de diferentes instituições que procuram unir suas forças em defesa dos índios, pode ser até mais importante do que a simples elaboração de dados etnográficos".

"AVALIAR A ATUAÇÃO DA FUNAI"

"Para concluir, uma observação referente ao volume do Javari. Esse é um dos poucos volumes do levantamento que teve condições de utilizar o material de documentação interno da FUNAI, relatórios, etc. Há um aspecto que, a meu ver, deveria ser explorado aí, que é de abordar qual a proposta que essa frente de atração tem em relação a incorporação dos índios do Javari na sociedade regional. Quais as condições institucionais mais amplas (como a construção da Perimetral Norte no trecho Benjamin Constant-Cruzeiro do Sul e o Programa de Integração Nacional) que determinam as características concretas e a existência daquela frente de atração? Como se dá na prática o tão glorificado processo de "pacificação" dos índios? Quais os funcionários concretamente envolvidos nisso, qual o seu preparo, que técnicas utilizam? E conseguem antepor-se a ação de outros organismos não indigenistas, como a Petrobrás e a CPRM, que parece desenvolverem métodos "não ortodoxos" de ação na área? Acho que considerando os relatórios da FUNAI como simples fornecedores de fatos deixou-se de lado uma excelente ocasião para proceder a um balanço crítico da sua atuação, como também uma apreciação política bem fundamentada sobre os processos de pacificação e a atuação da FUNAI na incorporação de grupos indígenas ditos como não contatados".

Moacir Palmeira:

#### "ROMPER COM A PERIODIZAÇÃO CONVENCIONAL"

Dentro de um mesmo marco político você tem variações importantes. Acho que o que aconteceu com a Perimetral Norte ilustra bem isso. Aquela situação, abre não abre, abre de novo, deixa de abrir. Acho que os cortes que você (Beto) deu, são importantes. Mas às vezes há outros marcos, outras periodizações. Então, não sei se, por exemplo, para pensar a política indigenista os marcos seriam 64, 68, etc. Evidentemente que uma mudança política importante que houve no país, como em 64, se reflete também nesse campo de ação. Mas há decalagens entre uma coisa e outra, há defasagens. Mesmo com relação a outras faixas políti

cas, houve uma demora em 64, para se implantar uma determinada política. Então, há certos setores em que houve continuidades que atravessaram esse momento de descontinuidade maior, como houve outras descontinuidades que passam desapercibidas, se se toma como referência esses marcos da história oficial.

#### "AGÊNCIAS E PERSONAGENS"

"Dentro da abordagem que vocês estão propondo, por acaso está previsto algum volume sobre as diferentes agências e personagens que trabalham com os índios? Parece-me que seria coerente com a proposta de trabalho. Em certo sentido isso seria a chave para se entender os limites e o alcance do estudo, do trabalho todo".

Berta Ribeiro:

#### "ORIGINALIDADE POSTA EM QUESTÃO"

"Eu queria salientar qual a diferença entre esses levantamentos quanto aos métodos, e o Handbook? O Handbook foi feito por uma equipe, uma instituição, levou muitos anos e tudo mais. A intenção era levantar o conhecimento que se tinha na época, como uma espécie de memória, mas sem uma intenção política. Eu acho que se há um traço de união, que o Beto mostra bem na Apresentação dele, entre o trabalho do Darcy e esse que se está fazendo agora, é a intenção política. Quer dizer, não é só conhecer por conhecer, mas conhecer para transformar, conhecer para mudar, para agir, para atuar nesse campo. Para poder evitar que mais índios percam suas terras, mais índios morram de doenças. Então, eu não concordo com o Castro quando ele diz que o trabalho é extremamente original, não. Em termos de metodologia, ele (Darcy), fez trabalho de campo nas áreas onde havia mais contato. Tribos como Kainang, Xokleng, Kadiwêu, esses índios lá do sul do Mato Grosso. Quer dizer, em vez de procurar tribos sem contato, foi procurar justamente as tribos que estavam ilhadas, em regiões

onde a penetração da sociedade nacional era mais intensa. Como estudos de caso. E também trabalhando com material do SPI, porque ele era do SPI. Os relatórios dos chefes de Posto, das Inspetorias, etc.

Os dois livros foram realmente dedicados ao Rondon, porque ele representava uma ideologia do que devia ser uma política indigenista, mas que na prática não se realizava".

Neide Esterci:

#### "MALOCA E SISTEMA DE AVIAMENTO"

"Uma coisa que eu achei interessante e gostaria de perguntar: sempre que se faz trabalho com camponeses se cuida muito da questão do anonimato. Aqui, porém, há uma preocupação que me parece inversa - salvo eu esteja enganada - com a identificação das pessoas. Firmino, filho de João, filho de não sei quem. E o Firmino existe, tá lá hoje. Eu fiquei pensando o seguinte: isso ajuda, já que esse texto tem uma destinação para os próprios agentes que trabalham com esses grupos, na luta deles.

"Esta destinação restrita do público, se por um lado pode significar a validade de identificarem-se as pessoas, aponta também para uma das implicações resultantes da origem e da proposta do projeto que tem a ver com o aspecto restrito do produto do trabalho.

"Uma segunda questão seria a seguinte: na introdução do volume do Jari se faz, por exemplo, um esquema de avião na área para exploração da madeira e da seringa. Como é uma descrição de gente que trabalha na área, logo no primeiro grupo (indígena) estudado, supõe-se que esse grupo esteja ligado à essa atividade, não é? Na questão da atualização, eu veria, de acordo com que o Castro colocou, é também de que não se explorou a especificidade desse projeto. Porque a especificidade desse projeto, com a rede de colaboradores que ele aciona, talvez desse condição para uma implicação positiva dele. Entre elas, seria, por exemplo, ver como é que essas coisas todas que são faladas aqui, a respeito da organização tribal (citam-se casas, malocas, alocações como forma de organização

da moradia, os grupos domésticos, ou não), como que isso se junta com o sistema de avião? Para recrutamento das pessoas, para a organização do trabalho... Acionando essas redes locais, que convivem com essas pessoas, você teria possibilidade de uma forma de atualização das informações... Parece-me que essa coisa da organização social fica um pouco parada, estanqueizada das relações que se dão hoje, não só hoje, mas que se deram no passado... Aí fico me perguntando se o que seria uma implicação positiva, não pode tornar-se uma implicação negativa desse tipo de rede que aciona. Porque a minha experiência de trabalhar com pessoas que tem trabalho de base, é de que há ao mesmo tempo uma idealização da academia (como um lugar onde as pessoas são os doutores que sabem das coisas que organizam o conhecimento) por o posição a um tipo de gente que tem o conhecimento do concreto. Então, na hora de se fazer e se produzir um conhecimento, se produz um conhecimento que faz na verdade uma cópia im perfeita do modelo de conhecimento que eles tem na cabeça, da academia. Então, acho que essa coisa teria que ser pensada.

#### "ESTÁ SE ROMPENDO OU ENDOSSANDO NOÇÕES PRECONCEITUOSAS?"

"Também me chamaram atenção certos termos utilizados. Nos trabalhos acadêmicos que se tem ultimamente, ou existe um grupo dentro da academia com uma preocupação muito grande de aspear ou relativizar certos termos. Essa coisa é muito criticável muitas vezes. Os antropólogos são esses que tem a mania das aspas, não é? A gente é gozado não só pelo pessoal de base mas também pelos sociólogos, etc. E às vezes, quando não se aspia, é um endosso de termos preconceituosos com relação aos próprios grupos tribais. Aí, faz muita falta localizar quem é que usa esses termos, como por exemplo maloca e vulgo. E por aí há outras coisas que se ligam. Por exemplo: era maloca, depois casa, depois colocação, depois casa de novo. Estas transformações conceituais acompanha que movimentos desse grupo tribal? É fruto de um movimento interno do próprio grupo ou é fruto de um movimen

o interno da organização do grupo face as contingências do contato que eles estão vivenciando? E aí vem de novo a questão do sistema de aviamento, válido para a Área toda, como é que se liga aí. Porque nessas transformações eu percebo como uma coisa interessante, que não é original, mas é uma coisa boa, que se distingue de muitos trabalhos acadêmicos. Distingue-se da seguinte maneira: uma vez eu levei um trabalho acadêmico sobre índios para uma turma minha na faculdade e a turma falou sobre o autor: "Esse cara parece que estava fazendo entrevista, enquanto o índio estava se afogando e não dava a mão para ele se levantar", o que é uma coisa assim meio caricatural; mas eu sinto que no volume do Javari, inclusive nas estatísticas, uma preocupação se esse grupo está conseguindo sobreviver fisicamente ou não. Que é uma coisa certamente não original, mas é uma das especificidades do trabalho. Esta preocupado com a capacidade de resistência desse grupo. Inclusive, por exemplo, a questão da agressividade, pura e simplesmente, mas como uma capacidade de reação, contra uma forma qualquer de espoliação, seja ao roubo de mulheres, seja lá o que for. "Dessa forma, em muitos momentos do texto, sem explicitar, rompe-se com alguns preconceitos, mas em outros lugares eu fico na dúvida se não se está endossando noções preconcebidas". "Achei interessante também, embora eu não tenha condições de fazer a avaliação que o Castro fez a cerca da precariedade ou não da história, que nessa reconstrução histórica se fizessem anotações de formulações e informes contraditórias entre si. Já que não se sabe quem está certo, não há condições de se verificar se fizeram-se anotações das informações contraditórias".

Araci e Lino, missionários leigos (OPAN) no Juruá, fizeram os seguintes comentários sobre o volume do Javari:

"... algumas questões do Levantamento, que pintaram com a leitura do JAVARI:

- de modo geral, nos ficou a pergunta: a que público se destinam estas publicações? Isto porque: a linguagem

usada nos pareceu bastante confusa (por vezes um discurso simples e corrido, noutros momentos um discurso acadêmico). Neste sentido, um maior aproveitamento do glossário e do quadro de explicação das siglas tal vez pudesse ajudar;

- quanto a abundância de acentuação usada (Pâno, aruák, Kanamarí, Kulína, Marúbo...), caso tenha sido empregada para efeitos de maior compreensão, pensamos que se faria necessário uma observação (nota explicativa);

- no que se refere aos Kanamari, o volume é contraditório. Pelo dito na Apresentação (pp.5), seriam tratados neste número todos os Kanamari, exceto apenas os do Juruá, daí se presume que os do Jutai serão tratados aqui, o que no decorrer do volume não acontece, gerando um pouco de confusão, principalmente em leitura feita por pessoas não conhecedoras da área (região);

- também quanto a grafia de palavras Kanamari, são apresentadas formas que não correspondem às usadas pela linguista Christa Groth, citadas no volume como sendo suas.(...).

Além destes, um ponto de maior significância que apareceu em JAVARI, refere-se às Propostas de áreas do Parque do Javari. Pareceu-nos que, subliminarmente, houve um esforço da Proposta de Parque 2, haja visto que ela aparece em todos os mapas de localização (pps. 36, 60, 82, 94, 102, 110, 116 e 134). Acharmos precipitado fortalecer qualquer proposta sem que antes se faça uma discussão ampla com todo pessoal que tem contato ou que trabalha nas áreas envolvidas. Ainda neste caso, na página 133, aparecem justificativas para propostas de limites na área do Jutai, com as quais não podemos concordar, até que se discuta as consequências e implicações destas propostas. Inclusive na proposta que tem sido apresentada por Egon, e que parece ter servido de base para estas justificativas, em alguns pontos não concordamos por não satisfazer à realidade de ocupação e de direito dos Kanamari, uma vez que importante área cultural acaba por ficar fora destes limites agora propostos".

Araci e Lino - Eirunepé, 13/05/82

Pedro Coelho, indigenista da FUNAI, fez os seguintes comentários sobre o volume do Javari a André Vilas Boas, chefe de posto do P.I. Vendaval:

1 - sobre os índios do rio Quixito : onde se diz que habitaram a margem do rio Negro (afluente da margem direita do rio Ituí), leia-se: habitam as cabeceiras do rio Negro, que é um afluente da margem esquerda do rio Ituí;

- atualmente, frequentam a área que engloba o Igarapé Maia (afluente da margem direita do Curuçã, que faz ca-beceira com o Quixito) e o Rio Negro, pelo Ituí;

- pg. 106, já tinham contato com João Sulambo antes de 1978 e trabalhavam aviados por ele, na seringa, na ma-deira e caça. Depois que João Salam-bo saiu da região, os índios se afas-taram, em 79. Ele era considerado muito bom pelos próprios índios, sen-do que sua saída da região se rela-ciona intimamente com o deslocamento dos índios para outro local;

- existem índios do Quixito atualmen-te em Atalaia do Norte, trazidos por regatões; entre esses índios, uma mu-lher é casada com um funcionário da FUNAI;

- o contato com madeireiros e regatões se dá há mais tempo de que o volume cita.

2 - sobre os Matís: Pedro Coelho es-clarece que aquelas cifras de popula-ções que ele forneceu foram feitas a partir do contato inicial com o gru-po, onde alguns índios se aproxima-ram e voltaram mais de uma vez, en-quanto outros desapareciam. Além dis-so, o tamanho grande das malocas con-firmaria este número. Porém, ele a-credita que a partir do contato te-nha havido uma divisão do grupo em função de receio do contato. Este gru-po mais "arredio" atualmente estava perambulando entre a missão no alto Ituí e as cabeceiras do Igarapé Pen-tiaco e as margens do alto rio Bran-co. A presença desses índios nessa á-rea também está sendo sentida pelos índios Marubo que residem no alto I-tuí;

- sobre o canto fúnebre: diz que to-dos os adultos cantam e a finalidade é curativa. O canto realça as virtu-des do indivíduo e a importância do seu trabalho. Durante o canto o doen-

te é banhado de água e areia do iga-rapé. Sobre o sepultamento, diz que o índio é colocado em posição de cóco-ras com o joelho encostado na barri-ga; todos seus pertences também são enterrados junto. Em seguida queimam-se todos os utensílios que foram fei-tos para a mulher ou vice-versa du-rante o período que estavam casados.

3 - sobre os índios da confluência do Ituí com o Itacoai: contato atu-

al: existe uma frente de atração da FUNAI que está mantendo contato com esses índios que estão localizados na boca do Igarapé Jô, afluente da margem direita do rio Itacoai;

- já foram feitos três contatos. No primeiro e no segundo pegaram brin-des e, no terceiro, 13 índios de um grupo de 28 aproximadamente entraram e dançaram no barco;

- existem regatões que também estão entrando em contato com esses índios pelo Itacoai e pelo Ituí. Esses con-tatos tem se limitado a troca de brin-des, inclusive a própria SUCAM foi alvo desses contatos;

- o Matís de nome Binan que também participa da frente da FUNAI tem con-seguido manter contato oral com esse grupo, o que confirma a semelhança linguística dos dois grupos.

"Li sua Apresentação (...) e como se trata de um "texto para discussão", animo-me a fazer um pequeno comentá-rio. Estranhei não haver qualquer men-ção ao Projeto "Estudo de Áreas de Fricção Interétnica" que elaborei e dirigi em princípios dos anos 60 e que foi patrocinado pelo Centro Lati-no Americano de Pesquisas em Ciênci-as Sociais, com recursos da UNESCO. Como você se refere a vários proje-tos, realizados ou mesmo por reali-zar - como a "Suma Etnológica", de Galvão ou "Índios Atuais da América do Sul", de Melatti -, imagino que tenha havido um esquecimento. Embora o projeto não tenha a mesma abrangên-cia dos demais, ele buscava estudar um conjunto de casos (Tukûna, Surui, Asurini, Gaviões, Kraho, Maxakali) que permitisse, graças à utilização de um mesmo enfoque teórico e de uma perspectiva comparativa, aprofundar os nossos conhecimentos sobre o pro-cesso de contato interétnico. Ademais,



procurava-se então um apoio em pequenas monografias resultantes de pesquisas de campo realizadas especificamente para aquele fim por colegas como Roque Laraia, Da Matta, Melatti e Rubinger. Portanto, se a amplitude do projeto limitou-se a uns poucos casos, a densidade da análise não, o que nos permitiu posteriormente tentar uma pequena generalização a nível de um modelo de investigação (nossos "Problemas e Hipóteses relativos à Fricção Interétnica", in A Sociologia do Brasil Indígena, cap. VII).

"Lembrei-me de lhe escrever, pois eu não poderia me omitir num assunto que envolve terceiros, como os meus colaboradores de então. Você foi testemunha na reunião da ANPOCCS de certa tendência na comunidade antropológica de nossos dias no sentido de esquecer, não ler ou patrolhar autores e colegas por razões várias e muitas vezes sem razão alguma. Vimos que o que realmente ocorre é uma falta de informação e não necessariamente "mau vaise conscience". Daí porque estou lhe dizendo tudo isso para que sua coleção cumpra cabalmente seu objetivo, constituindo-se num instrumento de uso obrigatório por todos nós, sem distinção de grupos, "escolas" ou facções que infelizmente existem em toda a comunidade profissional. Seu Projeto "Levantamento da situação atual das populações indígenas no Brasil" é "ecumênico" e é assim que eu o considero.

"A propósito, está para sair a terceira edição de meu O Índio e o Mundo dos Brancos (pela Editora Universidade de Brasília e que você recebeu) e breve sairá a segunda edição de Índios e Criadores do Melatti, pela mesma editora. Com a segunda edição pela Vozes (1979) do livro do Roque e do Matta, Índios e Castanheiras, praticamente o projeto ao qual me referi está com seus resultados reeditados. Quanto ao trabalho do Rubinger que, como você sabe, morreu antes de terminá-lo, sua viúva tratou de editar um volume com seus manuscritos e eu tive o prazer de escrever um pequeno prefácio; não sei a quantas anda a edição, mas estou na expectativa de que ela saia logo".

Roberto Cardoso de Oliveira  
Brasília - 29/01/82

"Acuso recebimento livros para índios Marubo já distribuídos na tribo recebidos entusiasmo alegria agradecemos"

Bruce (Missão Novas Tribos do Brasil) -  
Eirunepé-AM, 06/05/82

"Pela presente, venho agradecer a atenção dessa instituição em remeter ao Setor de Pesquisa desta Seccional o exemplar POVOS INDÍGENAS NO BRASIL - vol. 5 - JAVARI. Na oportunidade, gostaria de ressaltar a importância dessa publicação e a excelente qualidade do trabalho... A contribuição foi de grande valia para os trabalhos que o Setor de pesquisa vem desenvolvendo sobre a elaboração de uma proposta alternativa de legislação do índio".

Conselheiro Nilo Batista,  
Dir. do Setor de Pesquisa  
Rio de Janeiro, 03/03/82

"Quanto ao primeiro volume (Javari), acho-o excelente sob todos os pontos de vista, mas me espanto sempre de não ver figurar nele os seguintes trabalhos: Henry SCHELTEMA: Mayoruna, the Feared People. Anthropology 469, Michigan State University, 1969, (30 páginas de texto, mais bibliografia, mapas e fotos sobre os Marubo e os Mayoruna do Brasil, sem dúvida uma das primeiras e das mais importantes publicações sobre esses índios); Italo SIGNORINI: La Famiglia Etno-Linguistica Pano. Edizioni Ricerche, Roma, 1968 (pp. XVII-XIX); Dale KIETZMAN: Indian and Culture Areas of Twentieth Century Brazil. In Hopper ed., Indians of Brazil in the Twentieth Century, Institute for Cross-Cultural Research, Washington, 1967 (p. 16); Report of the ICRC Medical Mission to the Brazilian Amazon Region. Comité International de la Croix-Rouge, Genève, 1970 (p. 37).

René Fuerst  
Genebra, 18/03/82

"Li detidamente seu Boletim, assim como o texto Javari. Creio que o trabalho que vocês estão fazendo é, sobretudo, sério, e esse é o primeiro"

passo importante que vocês estão dan-  
do".

Isabel Hernandez  
Buenos Aires, 07/06/82

"Não podemos dizer como ficamos im-  
pressionados, eu e Robin, com os do-  
cumentos (do volume do Javari): são  
os mais soberbos/excelentes/importan-  
tes documentos sobre a situação dos  
índios brasileiros que já vi".

Sandy Davis  
Boston, 26/02/82

"Agradecemos imensamente o envio do  
volume 5 Javari da série Povos Indí-  
genas no Brasil.

"Trata-se, ao nosso ver, de uma pu-  
blicação idônea, fruto de trabalho  
muito sério. Principalmente por esta  
razão, gostaríamos de, se possível,  
obter todos os demais volumes desta  
mesma série.

"Ademais, colocamo-nos à sua disposi-  
ção para colaborarmos com materiais,  
visando futuras publicações".

Summer Institute of Linguistics  
Brasília, 21/03/82

"O Centro Ecumênico de Documentação  
e Informação (CEDI) deu início à pu-  
blicação de uma obra sem precedentes  
neste país. Trata-se de Povos Indíge-  
nas no Brasil, um conjunto de 18 vo-  
lumes, que tanto por causa da ampli-  
tude, como por sua natureza interdis-  
ciplinar e seriedade de propósitos,  
constitui-se em um trabalho da mais  
alta relevância para os estudos huma-  
nísticos...".

Diário de Pernambuco  
Recife, 05/03/82

"Acabo de receber sua carta e o exem-  
plar do Povos Indígenas no Brasil.  
Realmente fantástico, e saudosísti-  
camente senti uma ponta de orgulho pe-  
la concretização do projeto.

Mário Henrique  
Maputo-31/02/82

#### ANDAMENTO DOS VOLUMES

Os dois volumes que programamos para

produção este ano são o volume 3,  
Amapá/Norte do Pará, e o volume 8, Su-  
deste do Pará, coordenados, respecti-  
vamente, por Dominique T. Gallois e  
Lux Vidal/Antonio Carlos Magalhães.  
Para informação da rede sobre alguns  
aspectos, andamento e prazos desses  
volumes, pedimos aos coordenadores  
que fizessem um pequeno relato dos  
seus trabalhos, que publicamos abai-  
xo:

#### ANDAMENTO DOS VOLUMES

##### AMAPÁ/NORTE DO PARÁ

A primeira versão do volume 3, inclu-  
indo 14 povos indígenas do Amapá e  
norte do Pará, deverá ficar pronta  
em meados de julho.

Entre esses povos, muitos vivem atu-  
almente reunidos nas mesmas aldeias -  
caso dos Waiwai, Hixkariana, etc - ou  
em áreas separadas - como no caso dos  
índios Kaxuyana - , razão pela qual  
foi necessário adaptar a organização  
dos capítulos em função da realidade  
local.

Todos os grupos indígenas da região ocupa-  
vam ou ocupam áreas em ambos os lados da  
fronteira do Brasil com o Suriname e a  
Guiana Francesa. Com exceção dos grupos da  
região do Uaçá, os contatos intertribais  
entre os demais povos indígenas do Amapá e  
Norte do Pará foram cortados nas últimas  
décadas resultando numa grande reduçã  
das áreas de ocupação e de trânsito entre al-  
deias, ao mesmo tempo em que ocorriam con-  
trações artificiais, perto dos Postos  
da FUNAI ou missões religiosas.

O plano de redação do volume inclui:

1. Introdução histórica: descrição  
das sucessivas frentes de coloniza-  
ção na área. Durante os séculos XVII  
e XVIII somente os povos do litoral  
do Amapá e os que habitavam na mar-  
gem do Amazonas são atingidos, a mai-  
or parte reunida em missões e rapi-  
damente extinta. Os grupos do inte-  
rior permanecem isolados até o final  
do século XVIII, quando começam as  
viagens de reconhecimento na área. Na  
primeira metade do século XX, a ex-  
ploração de balata, a caça de felí-  
nos e a mineração levam pequenos gru-  
pos de balateiros, gateiros e garim-  
peiros a se instalarem perto das al-  
deias, especialmente na região do trom-  
betas, Paru, Jari e Uaçá. Os grandes

projetos econômicos, culminando com a construção de estradas, são implantados somente a partir dos anos 60.

2. Capítulos sobre cada povo indígena: dividem-se em duas partes, correspondendo a duas áreas diversas do ponto de vista ecológico / e da situação de contato entre a população indígena e a população regional.

PRIMEIRA PARTE:

1. Palikur
2. Galibi do Uaçá
3. Karipuna
4. A área indígena do Uaçá: informações sobre tutela e assistência, situação das terras e problemas comuns aos 3 grupos acima, que vivem numa única reserva.
5. Galibi do Oiapoque

SEGUNDA PARTE:

1. Waiãpi
2. Wayana-Aparai
3. Aparai do Jari
4. Tiriyô
5. Kaxuyana do Paru de Oeste
6. Índios do Mapuera (Waiwai, Katuena, Xerieu, Mawayana, Hixkariana).
7. Índios do Nhamundã (Hixkariana, Waiwai).
8. Kaxuyana do Nhamundã
9. A área indígena do Nhamundã-Mapuera.

Os capítulos são muito desiguais de acordo com as informações existentes sobre cada grupo. No caso dos Índios do Mapuera e do Nhamundã não obtivemos ainda fichas-padrão, as informações sobre a situação atual e o modo de vida são, portanto, muito fragmentárias. O mesmo acontece com os Galibi do Oiapoque.

Relação com os colaboradores

Os colaboradores efetivos são poucos, na maior parte antropólogos, muitos sem contato recente com as áreas indígenas. Por outro lado, a colaboração entre coordenador e colaboradores limitou-se até agora ao envio de informações e fichas. Daí uma série de discrepâncias que não podem ser evitadas na redação da primeira versão: as informações são de datas diferentes e falta um quadro geral da situação em cada área indígena, considerando que muitos colaboradores preencheram fichas sobre um dos grupos locais que melhor conheciam.

A ficha-padrão, por outro lado, é pouco precisa sobre o modo de vida dos

Índios; falha que deve ser preenchida com pesquisa bibliográfica, isto é, em base de informações muitas vezes superadas, considerando que as pesquisas etnológicas na área foram feitas sobretudo nas décadas 40-60, ou ainda mais antigas, como no caso dos Índios do Uaçá, visitados por Ni muendaju em 1925.

Pelas mesmas razões faltam ainda muitas informações sobre os projetos econômicos que vão atingir essas áreas.

A redação da primeira versão do volume 3 resulta, portanto, de uma compilação de informações de diversas épocas, deixando muitas falhas no que diz respeito ao modo de vida - sobretudo sistema social - e à situação atual das terras.

Uma colaboração mais efetiva entre a equipe de edição, o coordenador e os colaboradores deverá ocorrer na 2ª fase, a partir das críticas e das correções desta 1ª versão; espera-se assim, dar ao texto uma unidade que não foi possível nesta fase. Uma atualização das informações faz-se também necessária, e isto implica numa colaboração de pessoas que vivem em relação direta com as áreas, ainda não contactadas no que diz respeito à maioria dos povos da região.

Dominique T. Gallois

SUDESTE DO PARÁ

O volume 8, sobre o Sudeste do Pará, como os demais, segue o modelo já estabelecido, isto é, uma introdução geral sobre a Área e, a seguir, a apresentação de cada grupo, em capítulos separados. Sendo a descrição de cada um feita segundo um certo número de itens padrão.

I - Há, entretanto, alguns aspectos característicos neste volume, que merecem ser destacados:

1) - Constatamos desde já um certo 'desequilíbrio no que se refere a quantidade e qualidade das informações disponíveis para cada grupo. Outro problema é a falta de homogeneidade dos dados, dependendo muito da época de seu estudo antropológico, o interesse teórico do pesquisador e os aspectos abordados. Às vezes não houve pesquisador na área e as informações são poucas, superficiais e não muito confiáveis. — O levantamento não é

pré-estabelecido; ele é apenas um apanhado de todas as informações existentes atualmente. Há, porém, um esforço de preencher, na medida do possível, as lacunas existentes. Em todo caso, uniformizar os textos tem se revelado um trabalho penoso, especialmente se queremos apresentar para cada grupo uma sequência e um plano atualizado.

2) - Sendo que há vários grupos Kaya-pô na região Sudeste do Pará, haverá um quadro geral das condições deste grupo e um item comum para modo de vida, subsistência e ritual indicando simplesmente as variações.

Entre certos grupos houve, além de um levantamento etnográfico, a experiência de um projeto de trabalho, cujo desenvolvimento e resultados foram descritos e avaliados - neste caso haverá alguma ênfase dada a estes trabalhos.

3) - O Sudeste do Pará é uma região onde estão sendo implantados grandes projetos de desenvolvimento. Um capítulo tratará de maneira global o impacto causado pela construção de estradas, implantação de projetos de colonização e agro-pecuários, construção de hidroelétricas e especialmente o Projeto Grande Carajás com seus múltiplos desdobramentos.

4) - Outra dificuldade, decorrente do rápido desenvolvimento da região, são as contínuas mudanças que estão atualmente ocorrendo e que deixam o pesquisador sempre a espera das últimas notícias - A região é física, econômica e socialmente tão perturbada que as informações são sempre sujeitas a reformulações.

II - A divisão do trabalho se apresenta da maneira seguinte: dois coordenadores, secundados pela equipe de edição do CEDI. Quando o colaborador é um antropólogo ou sertanista que trabalhou com um grupo específico, ele mesmo redige o texto final para seu grupo. Caso contrário, tem que escrever o texto com base nas fichas, recortes de jornais e revistas, relatos, livros, teses ou informações pessoais. Assim o texto Parakanã, Gavião, Suruí, Assurini do Koatinemo e do Trocarã, e Xikrin do Pacajá estão muito descobertos, com poucas informações. Para os Gorotire e Kubenkräkein faltam dados atualizados, especialmente após a cisão das aldeias e

a implantação do Projeto de Colonização Tucumã, ao norte da área, e a abertura de grandes garimpos, Cumaru e Rio Branco.

A Funai não possui levantamentos prescíveis e não mostra interesse em colaborar. Falta um levantamento mais substancial sobre a questão fundiária na região, a atuação do GETAT e detalhes mais precisos sobre os projetos de mineração.

Sobre prazos, marcamos para o dia 4 de setembro, uma reunião no CEDI /SP entre a equipe de edição e alguns colaboradores para fechamento da versão 1 do volume.

Lux Vidal e Antonio Carlos Magalhães

#### COLABORE COM O BOLETIM

Para que o Boletim se torne cada vez mais um instrumento da rede de colaboradores, dependemos de você. Qualquer material que você julgue de interesse circular é só enviar. Pode ser uma notícia interessante de jornal, entrevista, relato de um caso significativo, análise, comentário, opinião, correções das informações veiculadas nos volumes ou boletins publicados, críticas aos procedimentos de trabalho, notícias do andamento e dificuldades do LEVANTAMENTO nas Áreas.

Esse material tanto pode ser um texto extenso (embora levando em conta os limites de espaço do BOLETIM), como pode ser uma página, um parágrafo, ou mesmo uma frase.

30 de Agosto, fechamento do próximo BOLETIM.

#### **NOTAS/DICAS**

##### ENCONTRO DA UNI EM BRASÍLIA

De 6 a 9 de junho, em Brasília, a UNI (União das Nações Indígenas) organizou um encontro de lideranças indígenas, com o apoio de várias entidades. Abaixo publicamos o ponto de vista de Marcos Terena, um dos porta-vozes em Brasília, eleito pelos índios presentes.

##### "O 1º ENCONTRO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL"

*O simples fato de 235 líderes e caciques indígenas poderem se reunir durante o mês de*

junho de 6 a 9, em Brasília, traz consigo um valor histórico muito importante, porque foi o primeiro encontro organizado e dirigido pelos índios desde a chegada do primeiro homem branco ao nosso continente. Pela primeira vez na História do Brasil, o homem indígena teve o seu direito de liberdade, de ir e vir, de reunião dentro da ordem e do respeito, respeitados pelos órgãos de segurança, pelas autoridades da FUNAI, pelos cidadãos brasileiros, enfim.

Vários pontos marcaram o caráter histórico dessa reunião, onde diversas personalidades e as maiores autoridades indígenas estiveram presentes, tal como o Mário Juruna, símbolo da luta indígena no Brasil, o Cacique Narro, da tribo Kuikuro, que pela primeira vez participava de uma reunião indígena, consideram do como sendo um momento de alegria e de sentem a força que juntos podiam ter, até o representante dos Txucarramãe, o líder Megaron, da aldeia Kretire, estes últimos, do Parque Nacional do Xingu. Alguns outros índios viajaram até sete dias de barco para chegarem a uma cidade e de lá pegarem a condução que os trouxe até Brasília. Outros passaram mais de 24 horas dentro de um ônibus sem terem sequer o que comer. Houve, portanto, um grande esforço por parte de todos esses índios, vindos tanto do Oiapoque (Palikur), ao Sul (Kaingangue), desde a Paraíba (Potiguar) até os Apurinã do Acre, todos com a única finalidade de verem suas terras regularizadas, tendo assistência médica, escola e plano de desenvolvimento comunitário, segundo seus conhecimentos agrícolas, e, principalmente, para juntos escolherem seus representantes regionais e nacional, para as negociações com as diversas autoridades da sociedade envolvente, dentro da ordem, da justiça e do direito.

Por outro lado, várias entidades e pessoas ligadas a causa indígena não somente apoiam, como por certo, se sentiram comovidos e gratificados ao verem dentro do Congresso Nacional, reunidos juntos com as lideranças, os Senadores e Deputados Federais, Embaixadores e representantes das entidades de classe, para juntos, pelo menos, sonharem e idealizarem o futuro ideal, onde a grande Nação brasileira, composta por negros, brancos e índios, caminhariam enaltecidos pelos valores morais, democráticos e fraternos de um país multi-racial, onde, principalmente, o respeito à autonomia, à liberdade, os valores e os costumes culturais fossem cultuados em solidariedade uns com os outros. Certamente, este trabalho foi de encontro a interesses de tantos outros, que valiam-se da inocência do Índio para alcançarem algum objetivo particular, como o tornarem-se famosos, mesmo que para isso faça uso de seu próprio semelhante

ou em prejuízo deste.

As reivindicações propostas pelos diversos líderes, desde as mais primárias, porém importantes, como a demarcação das terras, até o pedido de demissão de alguns servidores da FUNAI, considerados nocivos a causa indígena, foram levantados e entregues pessoalmente ao Ministro do Interior - Mario Andreazza e ao Presidente da FUNAI - Coronel Paulo Leal.

Acredito que esse ponto atingido, muito embora agradasse alguns e desagradasse a outros, como por exemplo, a presença do Presidente da FUNAI, - Coronel Leal, ao encontro em determinado dia, só foi atingido graças a um grande e paciente trabalho iniciado por pessoas e entidades de apoio à causa indígena, altamente responsáveis e que deram crédito à pessoa do índio como aquele elemento capaz de caminhar sozinho, a determinado tempo, bastando para isso, ensiná-lo, encaminhá-lo adequadamente, ensinando-o todos os segredos, os mecanismos que a sociedade envolvente tem como cotidiano, e que para o "selvagem", era uma novidade embaraçosa.

Marcos Terena  
Brasília, 22 de junho de 1982

---

Matís: gripe reduz população quase à metade

Entre o período de julho de 1981 a maio de 82, ocorreram dois surtos de gripe entre os Matís que reduziu sua população de 138 pessoas (v. volume 5, Javari) para aproximadamente 85 indivíduos, segundo informação fidedigna de pessoas da área.

---

COLETÂNEA GUARANI

A Biblioteca do Levantamento/CEDI acaba de adquirir o livro intitulado: Literatura Guarani del Paraguay, publicado pela Ayacucho da Venezuela, 1980, com 383 páginas. A compilação, prólogo, estudos introdutórios, notas e cronologia são de Rubén Bareiro Saquier. Os textos incluídos são dos seguintes autores: León Dadogan, Pierre Clastres, Marcial Samaniego, Bartolomeu Meliá, Georg e Friedl Grubberg, Kurt Nimuendajú, Mark Münzel, Augusto Roa Bastos, Miguel Alberto Bartolomé, Maxence Coleville, Juan Francisco Recalde e Narciso R. Colmán.

---

Índios Kaxinauã: de Seringueiro "Caboclo" a Peão "Acreano"

É o título do livro de Terri Valle de Aquino, que acaba de ser publicado, com tiragem de 200 exemplares, e apoio do SESC de Rio Branco. No prefácio, o autor explica que essa publicação está baseada na tese de mestrado que defendeu na Universidade de Brasília, em 1977, como modificações no capítulo VII - "O Movimento de Cooperativa Kaxinauá" - em que procura registrar o movimento de resistência as alternativas e as lutas específicas dos índios Kaxi pela demarcação correta de suas terras e por melhores condições de vida nos seringais em que vivem.

### Seminário sobre Amazônia

Nos dias 8 a 11 de fevereiro deste ano, foi realizado na Universidade da Flórida, Gainesville, E.U. um seminário sobre a Expansão da Fronteira na Amazônia. O primeiro dia foi dedicado à apresentação de um histórico sobre a situação atual dos grupos indígenas em seis países amazônicos e a política indigenista oficial em cada um deles. Os outros temas do programa foram: colonização e povoamento espontâneo na Amazônia; ecologia amazônica e potencial de desenvolvimento; política nacional e internacional para a Amazônia; e, o capital privado e o capital do Estado no desenvolvimento da Amazônia brasileira.

Xerox dos trabalhos apresentados encontram-se na biblioteca do CEDI/SP.

### Índios do Sul da Bahia

"Caminhos de ir e vir e caminho sem volta: índios, estradas e rios no Sul da Bahia" é o título da dissertação de mestrado de Maria Hilda Baqueiro Paraiso, orientanda do professor Pedro Agostinho, da Universidade Federal da Bahia. O trabalho se refere aos grupos indígenas que ocuparam a região, Botocudo e Pataxó, na segunda metade do século XIX. Damos abaixo o resumo que a própria autora faz de sua dissertação:

"... estuda a ocupação da área compreendida entre os Cachoeira ou Colônia, ao Norte, e Prado, ao Sul, que se processou em etapas sucessivas, caracterizadas pela implantação de relações de subordinação peculiar

res a cada um de seus momentos. Os grupos indígenas habitantes da região foram envolvidos pela expansão da sociedade nacional, recebendo tratamento diferenciado a partir do estabelecimento de um sistema interétnico composto pelos vários segmentos de índios e não-índios, e das necessidades da sociedade nacional, manifestas na legislação e nas relações sociais, econômicas e políticas estabelecidas."

### Teses na UNB

Durante os anos 1975/81, foram elaboradas as seguintes teses relacionadas a índios, no Curso de Pós-graduação em Antropologia da UNB:

- "Guarani e Kaingang no Paraná: um estudo de relações intertribais", Maria Lígia Moura Pires, 1975.

- "A Musicologia Kamyura: para uma antropologia da comunicação no Alto Xingu", Rafael José de Meneses Bastos, 1976.

- "As Facções e a Ordem Política em uma Reserva Tukúna", João Pacheco de Oliveira Filho, 1977.

- "Kaxinawá: de Seringueiro "Caboclo" a Peão "Acreano", Terri Valle de Aquino, 1977.

- "Escola Indígena, uma Frente Ideológica?", Eneida Corrêa de Assis, 1981.

- "A descida do Rio Purus: uma experiência de contato interétnico", Marco Antonio Lazarin, 1981.

- "Os Pukobyê e os Kupên: análise de um drama", Maria Helena Barata, 1981.

- "Índios e Brancos no Alto Rio Negro: um estudo da situação de contato dos Tariâna", Ana Gita de Oliveira, 1981.

### Bibliografia Crítica do Baldus

Pode-se conseguir os dois volumes da Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira de Herbert Baldus na Alemanha, em edição fac-similada. Pedidos para: Buchhandlung Klaus Renner, D-8021, Hohenhäftlarn, Sonnenhang 8, Alemanha Ocidental. O volume I (que ainda pode ser encontrado em alguns sebos do Rio de São Paulo) custa 216 marcos. O volume II (publicado originalmente na Alemanha) custa 90 marcos.

## Publicações da CPI-SP

Publicações que podem ser encontradas na Comissão Pró-Índio - Rua Caiubi, 126 - São Paulo, SP - atendimento das 14 às 19 hs: Caderno I - A Questão da emancipação; Caderno II - A questão da terra; Caderno III - Índios: Direitos Históricos; A questão da Educação Indígena, ed. brasileira.

A próxima publicação a sair será o Caderno IV - O índio e a cidadania.

## Ernesto Cardenal no CEDI

Ernesto Cardenal, ministro da Cultura da Nicarágua, esteve no CEDI no dia primeiro de junho, numa reunião para discutir a política indígena do governo revolucionário da Nicarágua. A reunião foi gravada e participaram dela quase cinquenta pessoas, entre antropólogos, indigenistas e professores interessados no assunto. Para que ele tivesse uma amostra da situação indígena no Brasil, Vincent Caréli apresentou um áudio-visual sobre os Nambiquara e a antropóloga Eunice Durham fez uma breve exposição da política do Estado brasileiro e suas consequências danosas para os povos indígenas. Cardenal discorreu sobre as relações entre índios e brancos' na história da Nicarágua e sobre a situação atual, as tentativas da Revolução de acomodar os indígenas da costa atlântica dentro de um Estado Nacional. Toda a discussão girou em torno das formas políticas de integração das minorias étnicas, tendo em vista, não só sua preservação cultural, mas também sua autonomia política.

## Lendas Terena e Kadiwêu

É o nome do livro de José Fernandes/Orlando Antunes Batista, ed. Presença, 32 pp., Cr\$ 180,00, São Paulo, 1980.

## A Luta Indígena: uma nova civilização

A Editorial Nueva Imagem, México, publicou o livro Utopía y Revolución, uma compilação de textos feita pelo antropólogo Bonfil Batalla, sobre "o pensamento político contemporâneo dos índios na América Latina". Tomamos conhecimento da publicação através de

uma resenha de Pedro de Velasco, saída na revista Amérique Latine, jan/mar. de 82, que, sobre ela, assim se refere: "Os documentos apresentados' estão classificados em duas categorias: aquelas de ideólogos indígenas (ou que se dizem índios) e aquelas e laboradas pelos grupos e organizações políticas indígenas. (...) A ler e comparar todos esses documentos, vê-se também a diversidade dos problemas e situações sobre o conjunto do continente, a diversidade da consciência indígena e de suas reivindicações. Do conjunto se depreende da mesma maneira a ambiguidade, a ingenuidade e algumas vezes o caráter de posições, alianças, análises e pressupostos".

## A Amazônia sob os Governos Militares

La Pallage de l'Amazonie, é o nome do livro de Jean Eglin e Hervé Thery, publicado pela Maspéro Paris, 1982. Ele analisa de forma jornalística a exploração da floresta durante os governos militares brasileiros.

## GRILAGEM: Corrupção e Violência em terras do Carajá

Vitor Asselin, Vozes/CPT, 216 pp., Cr\$ 900,00. Livro denúncia da negociação de terras no grilo Pindaré, Maranhão (LEIA LIVROS, nº 47)

## BIBLIOGRAFIA DO SIL

Recebemos a Bibliografia geral do Summer Institute of Linguistics (ILV) de 1973-1980, publicada no ano passado. A primeira bibliografia, de 73, correspondia aos anos de 1956-1972. A atual compreende as seguintes partes: I - literatura de autoria indígena; II - linguística e antropologia; III - linguística aplicada; e IV - material arquivado no Museu Nacional do Rio de Janeiro e na Fundação Nacional do Índio. Pedidos pelo serviço de reembolso: Caixa Postal 14-2221 - 70349 - Brasília - DF.

## De Roraima

Saiu o segundo número ( maio de 82.) do Boletim do Arquivo do Setor Indigenista da Diocese de Roraima. Sob a coordenação de Emanuele Amodio, a publicação pretende "oferecer um instrumento de análise e de conhecimento àqueles que trabalham nas áreas indígenas do Território de Roraima". Este número traz um artigo de E. Amodio e N. Secchi, "Os índios Wapixana de Roraima"; a reprodução de um mito Wapixana, "A visita ao céu"; um artigo de M. Wirth, "A mitologia dos Wapixana do Brasil"; uma bibliografia sobre os Wapixana; e uma seção de notícias sobre o trabalho desenvolvido pela Diocese, anunciando, entre outras coisas, que até o final de maio (82) terminariam a coleta dos dados do Levantamento Geral das malocas Makuxi, Wapixana e Taurepang.

## Kokue Guasú e outras roças

O Cadernos do CEDI 10, de abril deste ano, é sobre o seguinte tema: RÔÇAS COMUNITÁRIAS & outras experiências de coletivização no campo.

Dentre os vários artigos, tem um particular interesse, por envolver um trabalho com indígenas, o artigo do antropólogo Rubem Thomas de Almeida "Kokue Guasú": uma experiência com os Guarani. A publicação pode ser pedida pelo reembolso (Cr\$ 350,00) à Tempo e Presença Editora Ltda., Caixa Postal 16.082 - 2221 - Rio de Janeiro - RJ.

## O Summer na A.L. em questão

Está sendo publicado pela Zed Press, Londres, com lançamento previsto para setembro deste ano, o novo livro sobre do Summer Institute of Linguistics, com o título provisório de To Each In His Own Tongue: the controversies over the Wycliffe Translators in Latin America. David Stoll, que nos escreveu informando sobre o livro, fez o seguinte comentário: "Infelizmente, apenas umas 2.000 palavras são dedicadas ao SIL-Brasil, principalmente no que concerne à ação da FUNAI em 1977 e eventos subsequentes".

## Hidroelétricas e Áreas Indígenas

Recebemos do ARC (Anthropology Resource Center) o Boletim 11, de 20 de maio de 82, todo ele dedicado aos projetos de construções de hidroelétricas em áreas indígenas nas Américas do Sul e Central.

## Projetos de Mineração e as terras Indígenas

Será o tema de um simpósio a ser realizado dia 14 de julho, das 15 às 18 horas, na sala IQ 10 da Unicamp, Campinas (SP), como parte da programação da Reunião Anual da SBPC. O simpósio será coordenado pela advogada e presidente da Comissão Pro-Índio de São Paulo, Maria Helena Pimentel e terá ainda a participação de Dalmo Dallari (advogado), Iara Ferraz (antropóloga) e Manoel Guerreiro (geólogo).

## Impactos do Grande Carajás em discussão na SBPC.

No dia 12 de julho, será realizado o simpósio intitulado "Impactos Econômicos do Programa Grande Carajás", na sala IQ 10, coordenado por Helena Maria Martins Lastres. No mesmo dia, o senhor Nestor Jost proferirá conferência sobre Carajás, à 18 hs, na sala IQ 10. Dia 13, das 15 às 18, na mesma sala IQ 10 será realizado outro simpósio, intitulado "Impactos Sócio Ambientais do Programa Grande Carajás", coordenado por Warwick Keer. A reunião da SBPC será realizada na Unicamp, Campinas. (ver calendário)

## Survival International da França divulga Relatório:

Acaba de sair o Relatório de 1981 da seção francesa da Survival International, com informações gerais do trabalho da entidade e das campanhas específicas de informação feitas durante o ano a respeito dos Yanomami, dos Guaymi (Panamá), dos Campa (Peru) e outros. Correspondência para SI (France): 28, rue Saint-Guillaume, 75007, Paris, França.



Seminário sobre grupos indígenas "isolados"

Realizou-se no CEDI/SP, no dia 4 de junho, um seminário sobre diferentes perspectivas de conhecimento junto a grupos indígenas "isolados". Bartolomeu Meliã (missionário jesuíta) falou

sobre os Salumã (MT); Mércio Gomes (antropólogo da Unicamp) falou sobre os Guajã (MA); e Eduardo Viveiros de Castro (antropólogo do Museu Nacional) falou sobre os Araweté do Pará. Esse seminário ocupou todo o dia, foi acompanhado com projeções de slides e foi gravado, ficando as fitas no CEDI.

Calendário: algumas oportunidades que favorecem o encontro de colaboradores.

- 07 a 14 de julho - Reunião da SBPC na UNICAMP, Campinas, São Paulo.
- 09 de julho - Reunião Mensal da equipe de edição para um balanço do Levantamento, CEDI-SP.
- 09 de agosto - Reunião sobre situação fundiária na Área Amapá /Nor te do Pará e pauta do Boletim nº 3, CEDI/SP.
- 30 de agosto - Fechamento do Boletim do Levantamento nº 3
- 04 de setembro - Reunião da equipe de edição e colaboradores para fechamento da primeira versão do volume Sudeste do Pará.
- 01 a 06 de setembro - Assembléia do Regional Cimi Norte II, em Icoaraci, Belém-PA.
- 03 a 07 de setembro - Assembleia do Cimi Leste, em Alcobaça-BA.
- 10 a 12 de setembro - Encontro dos colaboradores da Área Tapajós/Madeira, em Manaus (a confirmar).
- 11 a 15 de setembro - IIIº Encontro Nacional de Estudos Populacionais, em Vitória -ES.
- 13 a 17 de setembro - Reunião do Conselho do CIMI, Goiás Velho-GO.
- 03 a 05 de novembro - Encontro Tupi, reunião de estudiosos dos grupos de língua Tupi, na PUC de São Paulo.

EXPEDIENTE

Povos Indígenas no Brasil

Boletim do Levantamento/  
CIRCULAÇÃO INTERNA

CEDI - Centro Ecumênico de Documenta  
ção e Informação.  
Cx. Postal 54097  
01000 São Paulo SP Brasil

Editor: LUIZ RONCARI

Colaboradores: Alfredo Wagner, André Ama  
ral, Carlos A. Ricardo,  
João Pacheco de Oliveira  
Fº, Fany Ricardo, Vincent  
Carelli.

Produção gráfica: Maurício Piza.

Tiragem: 350 exemplares

Fechamento do próximo nº: 30 de agosto.

Editor Geral das publicações do CEDI: Elter Dias Maciel. Conselho Editorial das Publicações do CEDI: Letícia Cotrim, Heloisa Martins, Aloisio Mercadante, Zwinglio Mota Dias, Paulo Ayres Mattos, Neide Esterci, Leiber Pereira Ramalho, Carlos Rodrigues Brandão, Rubem I. de Almeida, Edin Sued Abumanssur, Luiz Roncari, Elter Dias Maciel.

I- Tabela de Distribuição do Volume do JAVARI

até 23/06/82 (colaboradores efetivos e con

tatados) - TOTAL: 439

	ind.	indg.	antr.	mis.	fot.	out.
1. Noroeste Amzonic	1	-	12	2	-	3
2. Roraima	14	-	6	13	2	2
3. AP/Norte PA	-	1	9	2	-	-
4. Solimões	14	1	3	3	-	1
5. Javari	24	7	4	2	4	3
6. Juruá/Jutaí	-	-	2	8	-	1
7. Tapajós/Madeira	1	-	3	3	1	-
8. Se do Pará	1	5	10	2	4	3
9. Maranhão	-	-	12	2	1	-
10. Nordeste	19	1	12	9	5	2
11. Acre-Purus	-	2	2	19	2	7
12. Rondônia	-	5	7	2	1	3
13. Noroeste do MT	1	-	3	12	-	3
14. P.Ind.Xingú	6	-	11	-	1	4
15. Leste MT/GO	7	1	16	14	2	4
16. Leste	-	-	4	3	-	-
17. Mto Grosso Sul	2	1	8	3	-	1
18. Sul	24	1	10	2	1	2
total parcial	114	25	134	101	24	41

II- Tabela de Distribuição do Volume do JAVARI até 23/06/82

TOTAL: 418

DESTINATÁRIO	TOTAL
(Instituições e outros) Total de Exemplares: 418	
ABA	3
Agências Financiadoras	11
Bibliotecas e Museus/Brasil	27
Bibliotecas e Museus/Exterior	16
CEDI	20
Centros de Documentação/Pesquisa/Assessoria/Brasil	16
CPT	3
Centro de Estudos/A. Latina	2
CNBB/CIMI	18
Consultores	16
Deputados Federais	8
Entidades Cívis de Apoio ao Índio/Brasil	20
Entidades de Apoio ao Índio/Exterior	3
Entidades e Órgãos de Classe	5
FUNAI	4
Imprensa (Arquivos de Órgãos de jornalistas e especializados)	8
Igrejas e Organizações Missionárias Protestantes	6
Movimentos Indígenas/A. Latina	2
Outros	30
UNI (para distribuição entre os índios que participaram da As sembléia de início de junho em Brasília)	200

TOTAL GERAL: 857 (Tabela I + Tabela II)